

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA  
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

CUNHA, Alexandre Cruz da. Alexandre Cruz da Cunha (depoimento, 2014). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 35min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre MUSEU DO FUTEBOL e FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO (FAPESP). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Alexandre Cruz da Cunha  
(depoimento, 2014)**

Rio de Janeiro

2019

### *Ficha Técnica*

**Tipo de entrevista:** História de vida

**Entrevistador(es):** Bruna Gottardo; José Paulo Florenzano; Raphael Piva Favalli Favero;

**Levantamento de dados:** Raphael Piva Favalli Favero;

**Pesquisa e elaboração do roteiro:** Raphael Piva Favalli Favero;

**Técnico de gravação:** Carolina Soares Pires;

**Local:** São Paulo - SP - Brasil;

**Data:** 18/11/2014 a 18/11/2014

**Duração:** 1h 35min

Arquivo digital - áudio: 2; Arquivo digital - vídeo: 2; MiniDV: 2;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Territórios do Torcer - uma análise quantitativa e qualitativa das associações de torcedores de futebol na cidade de São Paulo” desenvolvido pelo CPDOC em convênio com o Museu do Futebol e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), entre março de 2014 e fevereiro de 2015. O projeto visa, a partir dos depoimentos cedidos, a publicação de um livro e a edição de um filme documentário sobre o tema.

**Temas:** Alemanha; Anos 1980; Anos 1990; Edson Arantes do Nascimento (Pelé); Espanha; Esportes; Família; Imprensa; Infância; Liderança política; Militância política; Movimento estudantil; Polícia; Política; Regionalismo; Rio de Janeiro (cidade); Santos Futebol Clube; São Paulo; Torcidas de futebol; Viagens e visitas; Violência;

## *Sumário*

Entrevista 18.11.2014 Apresentações iniciais; a origem em Santos-SP; a família e recordações da infância; a ida ao seu primeiro jogo do Santos Futebol Clube com o padrinho e o destaque do ídolo Fiordemundo Marolla Junior (Marolla); a relação com o futebol na infância; a aproximação da torcida organizada e do Santos em 1994 no Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu); o envolvimento com a torcida Sangue Jovem e a dificuldade por ser de militância estudantil; o período como presidente da torcida; a briga do Pacaembu em 1995; o envolvimento da Sangue Jovem com carnaval; a violência nos estádios; os cargos na Sangue; os dois episódios mais difíceis enfrentados pela Sangue e o relacionamento com a imprensa; a crise das torcidas na década de 80; a relações de aliança; a relação entre torcida, clube e patrocinadores; o processo político interno na torcida; o processo de tomada de decisões na Sangue Jovem; a relação da Sangue Jovem com as outras torcidas do Santos Futebol Clube; a questão da burocracia de faixas nos estádios e o estatuto do torcedor; o diálogo entre as lideranças das torcidas; o período da Confederação Nacional das Torcidas Organizadas (Conatorg) e seus efeitos; a diferença entre o Grupamento Especial de Policiamento em Estádios (GEPE) no Rio de Janeiro e a Polícia de Choque em São Paulo; a importância do diálogo entre torcida e polícia; a trajetória na militância política; a diferença de recepção da militância e da torcida; o episódio do jogo em Barcelona e a relação entre torcida e clube; o ídolo da torcida: Edson Arantes do Nascimento (Pelé); as repercussões da venda do Neymar da Silva Santos Júnior; o grau de influência da torcida organizada nas decisões do clube; a passagem da Sangue Santista; o regionalismo das torcidas do Santos; os casos de emboscadas após os jogos; os “jogos de guerra” e o “pega bandeira”; os casos de violência que teve que lidar enquanto presidente da Sangue Jovem; a experiência com as torcidas alemãs; o “Bom Senso”; a relação sócio-torcedor com a torcida organizada.

*Entrevista: 18/11/2014*

R. P. - Museu do Futebol, projeto “Territórios do Torcer”, parceria do Museu do Futebol e do CPDOC da FGV, financiado pela FAPESP. Hoje estamos aqui com Alexandre Cruz, ex-presidente da “Sangue Jovem” do Santos. Os entrevistadores são: José Paulo Florenzano, Bruna Gottardo e Raphael Piva. Obrigado, Alexandre, obrigado pela presença. E eu queria que você começasse falando um pouco... Se apresentando, falando seu nome, onde nasceu...?

A. C. - Obrigado, é uma honra também estar aqui, acho que para todo torcedor organizado ter a oportunidade de soltar a voz e se fazer existir no universo do futebol. Está um tanto presente, mas ao mesmo tempo tão ausente no cenário político, econômico. Dentro da economia e da indústria que é o futebol. Nasci em Santos, nasci no hospital dos estivadores, sou de 1976, exatamente de fevereiro, quatro, na semana de Iemanjá, e nasci no centro da cidade, mas logo aos 3 anos de idade, meu pai, que era marinheiro embarcado da marinha brasileira, mudou pro bairro de Campo Grande, exatamente ali cinco quadras da Vila Belmiro, num prédio de três andares, onde já dava pra ver os holofotes, as bandeiras, onde que inicia toda a história.

R. P. - Po legal! Conta sobre a sua família. Você falou que o seu pai era marinheiro, os seus avós, o trabalho deles, assim. Como que foi sua infância, assim, sua primeira recordação?

A. C. - A recordação vem justamente desse período. O estádio é realmente uma baita referência. Meu pai era taifeiro de uma empresa que, na época, era uma estatal, fazia importação, embarcado. Minha mãe, dona de casa, e eu também recordo logo que a gente mudou para esse prédio, no primeiro final de semana teve um jogo do Santos, e dava pra ver as bandeiras, não era tão alto como é hoje, os muros da Vila Belmiro, e aquilo chamava a atenção. Eu tinha um vizinho que tinha quatro filhos, o seu Francisco, família Correia Leite, onde que ele era sócio-conselheiro, e ele levava as crianças lá, e de vez em quando ele remetia a me convidar, minha mãe fazia um lanchinho e peguei algumas partidas, na década de 80 lá, com seis, sete anos de idade. Sempre foi muito em torno do Santos mesmo, assim, a construção da minha infância. Muito próximo do estádio, e graças a esse vizinho. Meu padrinho, também, alguns episódios, quando tinha ausência do pai, e a mãe era do lar. Eram essas pessoas que me conduziam e me apresentaram a esse novo universo.

B. G. - E você tem irmãos?

A. C. - Não, não, sou filho único.

R. P. - Você lembra do primeiro jogo que você foi ... ?

A. C. – Lembro do primeiro jogo, foi com meu padrinho e os filhos dele... E muito interessante, só não me lembro se era o Comercial<sup>1</sup> ou o Ferroviária<sup>2</sup>. Eu precisava até analisar historicamente essa partida. É uma partida que eu me lembro muito, que foi o meu primeiro ídolo, o Marolla<sup>3</sup>, que era o goleiro do Santos, e nessa partida houve uma falta, e bateu, o Marolla catou e o juiz mandou voltar. E bateu novamente a falta, no retorno, e o Marolla catou novamente. Depois, mais tarde que eu fui ver, na regra do futebol até, que foi um lance... Se não me engano foi com o Rogério Ceni que implementaram a falta de dois lances, que o goleiro pegava, recuava, tinha que remarcar a falta, e já tinha acontecido isso com o Marolla em 86/87. E foi muito marcante. O Santos ganhou de dois a um, eu só não me lembro se era o Comercial ou Ferroviária. Eu tinha visto esse jogo na “social”, nas cadeiras cobertas, onde ficavam os conselheiros.

B. G. - E quando você era pequeno, você jogava bola, você tinha uma relação com a prática do futebol?

A. C. - Esse meu vizinho, que ele me levava, o seu Francisco, tinha um amigo meu que era o Orlando, o “Landinho”. Então eu sempre queria ir para o gol, porque o meu primeiro ídolo era o Marolla, então, no corredor do prédio ali era altas defesas do Marolla, né? (risos). Marolla imperava.

B. G. – E aí você jogava na rua, você jogava ...?

---

<sup>1</sup> Comercial Futebol Clube é um [clube brasileiro](#) de [futebol](#), com sede na cidade de [Ribeirão Preto](#), interior do estado de [São Paulo](#).

<sup>2</sup> Associação Ferroviária de Esportes, mais conhecida como Ferroviária, é um clube [brasileiro](#) de [futebol](#) da [cidade](#) de [Araraquara](#), interior do estado de [São Paulo](#).

<sup>3</sup> Fiordemundo Marolla Júnior, mais conhecido como Marolla.

A. C. – É, depois foi, começou depois jogando na rua, peguei a época do gol caixote com paralelepípedo, na minha rua era rua de paralelepípedo, ali perto, em Campo Grande ali, nós fazia (sic) as travesinhas, famoso gol caixote. Começamos ali na calçada, com chinelo, e depois na rua, foi crescendo. E depois os contras, com as ruas. A rua de baixo, rua de cima, bairro do lado, até chegar na praia também.

J. F. - Ai você chegou a ingressar nesse circuito do futebol de praia, futebol de Várzea do Santos?

A. C. - Na verdade, assim, o Santos tinha um grande campo, onde que até o CT<sup>4</sup> de hoje chamava Chico Guimarães. E aí a gente tinha duas alternativas, isso na década de 80, que era o Chico Guimarães, e a [Manhã – **dúvida 05:14**] Esportiva, na Portuguesa Santista. O Chico Guimarães era um complexo no bairro do Jabaquara, que é até ao lado da Vila, que eram três campos. Tinha a [Manhã – **dúvida 05:22**] Esportiva, na Portuguesa Santista. Então a gente revezava nesse dois times aí, e onde que eu acho que toda a molecada hoje, da minha geração, jogava bola. Não era nem tanto a praia, era mais esses campos de várzea. O Santos diminuiu muito os campos. Tinha também do bairro do BNH, também virou prédio, virou shopping, e esse se tornou o CT do Santos, em si, que era no Jabaquara e na Portuguesa Santista. Não manteve a tradição dos últimos 10 anos, se perdeu também. Tem mais um time que é os “subs” da categoria profissional.

J. F. - Você chegou a acalentar o sonho de ser jogador de futebol?

A. C. - Sim, naturalmente. Eu me lembro que eu via os jogos na tv preto e branco, no quarto, eu fazia uma bolinha de papel e escolhia algumas geometrias que tinha no quarto e virava uma trave, uma gaveta, uma cadeira e tal. Ali, sem dúvida, o futebol foi, para mim, a primeira escola. Para conhecer um estado, por exemplo, o Rio, quando vinha o Flamengo, quando vinha Minas, o Cruzeiro. Então até entender o meu país, minha identidade enquanto ser humano, cidadão, foi o futebol. Sem dúvida sonhei em ser um jogador, um dia. Pena que não deu (risos).

---

<sup>4</sup> Centro de Treinamento.

B. G. – Mas como goleiro?

A. C. - Não, aí foram... Alguns momentos fui goleiro. Na escola, quando tinha o futebol de salão, fui goleiro. Inclusive, até, tem um episódio muito interessante, que eu era da quinta série, eu catava no gol da oitava. Era até considerado... Até recebi algumas críticas, mas como oitava série era um time mais competitivo, eu topei a missão. E como não tinha regra sobre aquilo... Teve uma época que eu fui goleiro sim.

B. G. – E aí você estudava? Como que era ...?

A. C. - Sim, tinha uma escola que era o Dino Bueno, estudei praticamente até a sexta série lá, e tinha... A educação física sempre foi muito forte nessa escola, e o futebol sempre esteve presente.

B. G. – E aí como que começa então você se aproximar de torcida organizada, essas coisas? Já tinha essa noção, quando você era pequeno?

A. C. - Não, a organizada vai vir em 94, inclusive no Pacaembu, quando eu pego a primeira caravana. A relação do time, depois dos 12/13 anos, meu vizinho escutava na rádio, quando não ia para o jogo, ele escutava na rádio. Então, às vezes eu ia para a casa dele, escutava na rádio com ele, com os filhos do seu Francisco, e quando eu não ia, ouvia em casa, passei a ouvir em casa. E nós escutávamos, pela rádio, que os portões abriam nos últimos 15 minutos. Então como era umas cinco, seis quadras da Vila Belmiro ali, já... Alguns jogos, como foi uma Libertadores, eu me lembro que eu saí, logo no intervalo do segundo tempo, fui pra porta da Vila, e começou esse hábito de ir para o estádio. Nessa época, abria o portão, e quando não abria o portão, eu descobri que a molecada pedia dinheiro na fila da bilheteria da partida, e comecei a andar com esses moleques. E aí, às vezes eu tinha dois cruzeiros, cinco cruzeiros, o cara falou: - “Quanto falta aí?”. Ele catava e dava o ingresso, para não ficar com muito dinheiro na mão, e comecei a pegar umas partidas inteiras, algumas vezes. Até acho que, com 15, 16 anos, esse foi um hábito que foi me levando para perto do estádio. E a torcida organizada, ela me apareceu em 94, quando teve essa decisão, na minha geração, como eu sou de 76, eu vi

muito poucos títulos. Até a década de 90, era praticamente título nenhum. Em 84 era muito novo, apesar de ter acompanhado, não tinha entendimento do que o título era... Tinha a magia do futebol, mas não tinha entendimento de quanto um título era... Ser campeão era importante. É o ápice da brincadeira. Em 94, naquela semifinal com o Fluminense, eu fui para a Vila Belmiro, que a gente tinha visto vários ônibus, falando na imprensa, e tal. Fui lá olhar, a torcida do Santos saía. Os ônibus saíram, a gente com aquela cara de cachorro, um monte de moleque olhando para o frango, querendo também ir (risos), aí um cara lá da “Sangue” lá, que era até o Maloca na época, falou: - “Entra, entra, vai. Sobe, sobe, molecada”. Aí subiu, e quando viu a gente tava aqui, na Charles Muller, maior energia. Conseguiu o ingresso também, nessa de pedir um real, dois “real”, e quando vimos, a gente estava ali dentro, naquela energia, que foi um jogo histórico. A partir daquele jogo eu não abandonei mais o Santos. Foi um Santos e Fluminense, cinco a dois aqui, com Giovanni e companhia.

R.P. - Foi seu primeiro jogo fora da Vila?

A. C. - Foi meu primeiro jogo fora da Vila, em 94. Na verdade, foi o primeiro jogo que eu entendi a dimensão do que era o Santos. Porque era um jogo que a gente, cantamos os 90 minutos, o time não desceu para o vestiário, e era uma magia. A questão do placar atípico. Eu mesmo não sabia muito bem a regra que determinava o jogo, e, de acordo com a partida acontecendo, a gente conversando com as pessoas: “Não vai dar, não vai dar”, e a classificação veio, foi, tipo, foi histórico. Aquele jogo determinou o meu relacionamento com o Santos.

R.P. - E como que foi logo depois, assim? Você volta pra baixada, aí você procura a “Sangue Jovem”... Como é que começou...?

A. C. – Sim, aí eu comecei frequentando a Vila Belmiro. Eu vi alguns jogos, quando abria o portão, com a “Força Jovem”. Que ficavam as três torcidas ali no lado esquerdo de onde fica a imprensa, ali do vestiário do Santos. Ficava a “Força Jovem”, e se não me engano a “Sangue Jovem”. Na época, tinha 50 torcidas: “Fogo Eterno”, “Barca Santista”, tinha a “TUSA”<sup>5</sup>, tinha a “Sangue Jovem”, a “Força”... Tinha pelo menos 20 a 25 faixas de torcida no Santos. Então a

---

<sup>5</sup> Sigla para Torcida Unida Santista



gente ficava ali com os meninos da "Força Jovem", mas eu não tinha o entendimento (sic) de organização. A "Sangue", como ela foi a que me trouxe, me levou, esse jogo ficou a referência. Que, na verdade, ela foi plantada, aí depois veio para a final com o Botafogo, onde fomos roubados ao vivo, em rede nacional. Não fomos campeões, mas dali começou o relacionamento com a torcida. Porque ali encontrei o canal pra conseguir acompanhar o Santos fora da Vila Belmiro. E também eu sentia, porque, assim, tinham algumas coisas que aconteciam no bastidor, ou antes do jogo ou pós o jogo, a gente começou a vivenciar. Nessa época, guardava as coisas debaixo na arquibancada, os bambus. Tinha bateria, os caras faziam churrasco, tinha samba, então esse universo começou a se apresentar como uma nova alternativa ali, de estar mais perto do clube.

J. F. - Você passou a viver esse cotidiano da torcida, que não era só o jogo, era o antes, o depois...

A. C. – Exato...

J. F. - Frequentar a sede...

A. C. – Exatamente. Foi esse período, a partir de 94, 95 e 98, com a CONMEMBOL<sup>6</sup> também. Eu ainda não conseguia fazer longas viagens com a torcida, mas já tinha referência, porque já tinha um lugar que eles viam o jogo, que eu não viajava. Nos barzinhos em torno da Vila. A gente fez a festa na Praça Independência, quando o Santos foi campeão da CONMEMBOL. Então já comecei a conhecer algumas pessoas... Muito longe ainda de estar dentro dos quadros de liderança, mas já tinha uma referência mesmo. Já via, assim, como um grupo de pessoas que eram iguais a mim. Que desejavam torcer pro Santos. Então era fundamental.

R. P. - Como que as pessoas do seu cotidiano viam, assim, você começando a se envolver com a "Sangue Jovem", com uma torcida organizada? Na época, a torcida sofre, até hoje, um forte estigma. Como que foi com seus familiares? Sua mãe, seu pai, seus amigos, seus vizinhos santistas?

---

<sup>6</sup> Copa CONMEBOL (Confederação Sul-Americana de Futebol, mais conhecida pelo acrônimo CONMEBOL).

A. C. – Eu tenho uma história paralela junto com as torcidas, que eu vim de militância de movimento estudantil.

R. P. - Sim.

A. C. – Pelo contrário, era mais difícil eu ser aceito na torcida do que nos outros setores, porque eu era uma pessoa que... De certa forma politizada, então tinha uma certa, até... Talvez até por isso demorou um pouco pra mim (sic) participar das questões organizativas na torcida, porque eu tinha uma ideologia mais à esquerda, e tal, e a maioria das torcidas talvez hoje um pouco mais, mas era bem menos, na década de 90, essa questão de politização. A coisa era muito mais na força mesmo. As torcidas são muito... Quem tem voz é o cara que é mais forte, é o cara que tem atitude, que é mais audacioso. Então esse cara é o que tem muito mais... Não só em torcida, acho que em grande parte dos grupos de massa, o cara que se impõe mais, ele tem muito mais espaço. Não é o cara que argumenta, o cara que conversa, que tenha uma ideologia. Então, foi difícil. Então, assim, eu tinha alguns bons momentos na torcida, mas eu tinha a militância no movimento estudantil, no movimento político, que eu me revezava. E talvez a grande crise do movimento das torcidas necessitou que tivessem algumas lideranças que tivessem mais poder de argumentação diante até das contradições sociais que as pessoas vivem, que talvez eu fui galgando espaço dentro da organização. Consegui chegar até à presidência, no período.

B. G. – Aí você entra para a... Em que ano que você entra de fato para a...?

A. C. – É 2012, em 2012 eu já sou eleito, aí tem a transição, e 13 para 14 eu sou presidente de fato. Aí me ausentei agora no final desse ano, por conta da eleição do clube, que agora eu passei para a militância do clube, sou de uma associação pró-clube. E aí tem uma contradição até. A torcida é apartidária, ela deve apoiar qualquer presidente, deve apoiar o clube em qualquer circunstância, então ela tem que ficar à parte do processo, e ficaria muito ruim pra “Sangue” ter um cabo eleitoral, e podemos sair derrotados nas urnas, e isso influenciar. Infelizmente, hoje, as torcidas dependem do relacionamento com o clube. Nós sabemos que é política, e política, dependendo da sua escolha, ela tem conseqüências.

J. F. – Mas voltando pra esse momento que você então entra em contato com esse universo. Você falou 94/95, a final com o Botafogo... Nesse ano de 95 acontece a briga do Pacaembu.

A. C. – Exato.

J. F. – Você lembra do impacto disso no seio das torcidas?

A. C. – Sim. Isso foi uma briga que causou realmente no cenário mundial do futebol. Enquanto as torcidas estavam banalizadas, um episódio raríssimo a gente conseguir ver, um episódio que aconteceu no Egito, talvez, algo de maior dimensão, em 2009, que foi uma briga generalizada de torcidas dentro do campo. Então acho que está *no top cinco*, se for falar assim, dos piores episódios em estádios. E a consequência foi grave. A torcida do Santos, talvez, ela não se preparou pra esse momento. E nós, na verdade, paramos aquilo dali. Ficamos praticamente dois anos sem faixa, sem nada, e começamos a observar as grandes de São Paulo se organizando no carnaval. Então nós tínhamos a banda, então entendemos que a banda era um caminho, o carnaval, e fomos pra escola de samba. Mas demoramos, tanto que a gente conseguiu ir pra avenida só em 2006. Em um período de cinco anos, nós quase... Quase a “Sangue Jovem” acabou. Os quatro, cinco caras que continuavam acompanhando o time, mas não criou uma forma de organização paralela. Que, na verdade, a torcida não acabou. Na verdade, ela só ficou banida dos estádios, os seus uniformes, como organização. Mas as entidades existentes, elas existiram. A “Gaviões”<sup>7</sup> se organizou bem, a “Mancha”<sup>8</sup> também. A própria “Torcida Jovem” do Santos foi bem, entendeu o reflexo político daquele momento e conseguiu fazer essa transferência para o carnaval, e mantém o pé na arquibancada. Quando voltou, caiu a lei do banimento, as torcidas voltaram com força, e a gente teve que vir engatinhando, que aí só em 92 que a Sangue conseguiu dar uma retomada nos estádios.

J. F. – Você acha que teve um estigma em cima das torcidas em função desse episódio? Elas ficaram marcadas...?

---

<sup>7</sup> Grêmio Recreativo Cultural e Escola de Samba Gaviões da Fiel Torcida (G.R.C.E.S. Gaviões da Fiel Torcida), é a maior [torcida organizada](#) do [Sport Club Corinthians Paulista](#), e também uma [escola de samba](#) de São Paulo.

<sup>8</sup> Grêmio Recreativo e Cultural Escola de Samba Mancha Verde é uma [escola de samba](#) de São Paulo, originada a partir da torcida organizada do Palmeiras.

A. C. – Sim. É um divisor de águas. Sem dúvida... Nós sempre tivemos problemas de violência nas torcidas. Tem até um documento que, se não me engano, o primeiro episódio de violência era em 66, em Minas, que é um torcedor do Atlético e do Cruzeiro, num bar. Que nem torcedores organizados eles eram. Uma briga de bar, de Cruzeiro e tal, não sei o quê, o cara acabou matando o atleticano. Foi o primeiro episódio registrado nos autos civis do código da questão de violência, que tinha uma questão de torcida com violência. No Brasil, depois do episódio de 94, a gente vê que a imprensa e todo o propósito que está ligado ao esporte, estigmatizou na marginalização das torcidas. Sem sombra de dúvida. Não tirando o mérito de que nós temos ainda um problema de violência nas torcidas, que não podemos nem analisar de forma científica, porque não existe uma estatística nesse sentido. E talvez a falta de interesse do setor econômico que está no futebol queira que seja assim. Que continue um caso de violência de um contra o outro, e tenha a mesma magnitude de uma briga de dezenas e centenas. Tem um eco na imprensa e na mídia muito forte.

J. F. – Você, particularmente, lembra o primeiro episódio em que você se defronta com violência num estádio de futebol?

A. C. – Sim, tava na Vila Belmiro, era um jogo que eu não consegui entrar. Tava tentando entrar no estádio, aquela coisa de “xavecar” o cara da federação: “Deixa eu entrar”, e tal, não sei o quê. E virou a torcida do Flamengo. Dois ônibus na rua do visitante, e eles invadiram o setor do Santos, e ali foi uma situação bem desembaraçosa mesmo. A atitude foi se defender mesmo, que tinha se atacando. E aí eu consegui até pular para dentro do estádio, nessa... (risos) Os caras iam fechar o portão, eu falei: - “Não, não, deixa eu para fora não” (risos). O cara fechando o portão. O cara: - “Entra, entra, entra”. Aí eu pulei a catraca, e acabei entrando no setor 23.

J. F. – Você lembra em que ano que foi?

A. C. – Isso aí foi em 98/99.

J. F. – Anos 90?

A. C. – É, final de 90. Foi embaraçoso. Também teve um episódio com a torcida do Palmeiras, também na Vila Belmiro. Também eu saí pelo lado errado. E, naquela época, a policiamento não segurava a torcida, até uma hora depois de sair o visitante. E quando eu entrei na rua, eles estavam todo mundo lá. Meu irmão, acho que eu nunca corri tanto na minha vida, cara! (risos). Corri, corri acho que umas cinco quadras, cara. Fiquei sem ar, assim, e não me pegaram. Na verdade, eu tive bastante sorte nessa caminhada entre torcidas aí. Acho que só uma vez, também, no Gonzaga, no bairro do Gonzaga, eu passei sozinho, o Coritiba, tinha um cara do Palmeiras, que o Coritiba aqui, eles são aliados. Aí eu fiquei olhando, eles me olharam, aí me cercaram num bar. Aí teve uma “trocação” rápida, aí eu passava o rádio nos caras, depois o pessoal chegou pra dar um auxílio. Deu pra sair bem também dessa. Foi complicado.

B. G. – Mas aí você entra pra “Sangue”, como que vai sendo o seu desdobramento dentro da torcida? Você começa como o quê? Você tem alguma função?

A. C. – O meu primeiro cargo na “Sangue” foi diretor de arquibancadas. Sempre fui um cara agitado, que gosta sempre de cantar mesmo, e comecei cantando, na arquibancada, ajudando a puxar as músicas. Tinha uns puxadores oficiais, mas eu fui me destacando, assim, principalmente na pré-Libertadores, em 2011, tava fraca a arquibancada, eu comecei a chamar essa responsabilidade. Na “Sangue” sempre se posicionaram de frente para o gramado, e como na Vila tem uns protetores, nos setores da arquibancada, eu comecei a ficar em pé. Comecei a ficar em pé e olhar para a torcida, e chamar pra cantar. E aí eu fui me destacando, fiz umas duas, três vezes, alguns me chamaram de louco, não sei o quê, quer aparecer e tal. Mas aí o pessoal foi gostando, porque, nós como segunda torcida, a gente ocupa o centro da arquibancada, e as laterais ali, elas têm mais o associado, torcedor que a gente apelida de comum. E acabamos atraindo esse povo também para cantar, para incentivar o time. E esse meu posicionamento na arquibancada dava visibilidade: “Vamos cantar”, e pá... E isso começou a dar um destaque na arquibancada. Aí me convidaram para ser diretor de arquibancada, uma gestão, e eu acho que eu cumpri com a tarefa, assim, e isso foi me dando um destaque, que você acaba ficando na linha de frente e se torna um cara visível. E aí como é militante, já tem um pouco da militância política, a gente começa também vender o “peixe”, vender as ideias, e com o tempo fui ganhando espaço assim, na torcida. Teve dois episódios, que foram dois episódios muito difíceis para nós, e talvez o acidente do carnaval de 2009/2010,

onde que morreu quatro empurradores, tomou repercussão nacional, e naquele momento, tanto a presidente da escola, como da torcida, eles estavam baqueados com o acontecimento, talvez com a provável desenvoltura do caso. E eu já era relações públicas, nesse momento, da torcida. Eu tomei a linha de frente da situação, relacionamento com a imprensa, o relacionamento com as famílias. Peguei advogado, no dia mesmo fui para o IML<sup>9</sup> com a advogada, falei para o IML: - “Olha, vou voltar aqui. Deixei meu telefone. Chegando os familiares dos mortos, manda me procurar”. Eu percebi que o prefeito da cidade ia fazer uma coletiva às 10 da manhã, eu fui lá e marquei uma coletiva antes, para a torcida se pronunciar. Então, esse desdobramento na crise também, sem dúvida, foi um fator que acabou, também, me levando à visibilidade interna e externa da torcida, e no processo também que foi necessário assumir a torcida, e também na presidência. Foi um fator também necessário, assim, talvez por ser audaz na situação.

J. F. – As pessoas que faleceram eram da ...?

A. C. – Não, eram contratados, na verdade. Na verdade, essas alas de forças, são pessoas que empurram pra todas as escolas, e infelizmente o carro, em uma rua íngreme, ele foi sendo empurrado na avenida [Inaudível 25:00], e aí eles já querem ir para a dispersão, para correr e pegar outra escola para poder... Porque ganha por escola. Diminuiu o número de pessoas empurrando o carro. E aí eles não tiveram controle na saída da dispersão e encostaram em um fio, ainda tinha um ornamento do carro alegórico, encostou no fio elétrico, uma descarga muito grande, tinha uma menina também, com a filha. Ela tirou a filha e foi puxada pela carga, e foi um episódio muito triste, assim, para a torcida. Até hoje é um processo judicial, e nós tentamos, naquele momento, ser pelo menos o mais presente possível. Uma fatalidade como aquela com as famílias, com os familiares, mas é algo que a gente não tem controle, uma grande fatalidade. Mas a gente se colocou de prontidão. Acho que foi o mais importante a gente não ter fugido do problema, e acabou até mudando a estrutura do carnaval do Santos. Mudou a forma que é a dispersão, cabeamento, deu uma nova reestruturada no carnaval de Santos, infelizmente por um episódio ruim.

J. F. – Você disse que tinha dois episódios. Esse foi um...

---

<sup>9</sup> Instituto Médico Legal

A. C. – O outro foi a questão do nosso presidente, nosso ex-presidente. O nosso ex-presidente, que foi acusado de tráfico de drogas. Foi preso em casa, invadiram a sede, associaram algumas outras pessoas também, que não eram sócias da torcida. E foi um episódio que a gente não tinha, né, porque ele foi preso com uma quantidade de entorpecentes, mesmo a gente sabendo que ele era usuário, cabe à justiça julgar e fazer o processo dele. Também, novamente, tivemos que ir para um processo judicial, lidar com a imprensa, lidar com esse tipo de situação. Que acaba também acumulando pontos negativos para as organizações. Por mais que a gente consiga entender que o indivíduo, ele é responsável pelos seus atos, é uma conquista que a gente vem debatendo com o Ministério do Esporte, com a Polícia Militar, com o Ministério da Justiça, a imprensa ainda não trata muito assim. Se existe o fato, o fato, ele é vinculado da forma que ele é dado, da forma que se aparece. Não é dado o direito à defesa, dado o direito à argumentação, ao resultado de todo esse processo, então, a gente... Eu sinto que as torcidas passam por uma crise, porque elas vivem ainda a década de 80, por falta de organização própria, por falta até de politização, por falta até de incentivo do Estado em construir políticas públicas. Porque se você observar bem, não digo tanto o meu caso, mas a grande maioria já vem excluída de algum setor da sociedade, vem excluída da escola, vem excluída da família, vem excluída do bairro, então a torcida organizada acaba sendo um canal de desabafo, de encaminhamento dentro da juventude. E a gente vê a ausência da política pública lá. A gente nunca vê o governo falar assim: “Vamos desenvolver aqui um projeto cultural. Vamos pegar uma verba aqui e fazer um projeto desportivo, fazer um campeonato, desenvolver alguma atividade de alfabetização, de primeiro emprego, não existe. Então um cenário, que é um cenário de um mercado, uma indústria que é altamente remunerada, que a indústria do futebol mexe com bilhões, e nós temos o principal personagem, que é a torcida, e o torcedor, e ele é consumidor, mas também, ao mesmo tempo, ele é protagonista. Porque ele que faz parte daquele movimento, de todo daquele episódio, só que o principal agente que organiza a festa, ele está lá, mas não está. Ele não tem direito de imagem pela tv, pelas partidas, pela festa que ele faz. Pelo mosaico, pelas bexigas, pelos fogos. Ele não é reconhecido, às vezes, como personagem para negociar um evento, ou negociar a compra de um jogador, então. Existem contradições. Acredito que também é culpa do movimento, dele não ter conseguido encontrar um meio de se protagonizar, de se organizar

como entidade física, que fale por todos, dentro do cenário da CBF<sup>10</sup> e tal, mas também é um pouco do que a indústria, ela também percebe que essa contradição está muito bom. Porque é um ciclo colocar o torcedor organizado numa mesa pra começar a pensar a construção do futebol, é gasto para a indústria. É gasto. Porque você vai ver que a festa tem gasto, e quem banca é a torcida. Se você passar essa fatura, por exemplo, para o clube, ou para a federação, o repasse do ingresso, para essas festas serem mais bonitas, etc e tal. Ou até em um trabalho, por exemplo, pegar 2% do valor do ingresso para investir em um programa contra a violência. É gasto, entendeu? Então a gente começa a mexer com o bolso de quem gerencia tudo isso, e é preocupante. E aí é aonde que a gente vive a crise, mas hoje tem diálogo. Hoje tem torcedores como eu, que conversa com as lideranças, e começa a olhar esse cenário e pensar em algo novo. Como a gente percebe que tem na Europa, na Itália, na Alemanha. A própria América do Sul, tem alguns lugares como a Argentina, são bem organizadas as torcidas. Então é necessário, como o futebol brasileiro dentro das quatro linhas, precisa mudar, principalmente no pós Copa, mas também precisamos nos reorganizar para esse novo momento do futebol.

B. G. – E aí como que se dá, então, essas... Você como presidente, já que você está falando sobre isso, como que se dá essas relações de aliança? Ela é uma iniciativa do presidente, de conversar com outras lideranças, ou é uma coisa que vem sendo conservada historicamente, assim? Como que funciona isso?

A. C. – A aliança, ela, geralmente ela nasce da afinidade de líderes, não tenha dúvidas. Porque, às vezes, algumas alianças são por cores. Algumas alianças, por exemplo, a torcida do Palmeiras com a do Juventude, com o Goiás. Algumas tem a aliança verde [Inaudível 31:32] E algumas tem a estratégica. No caso, a gente tem uma aliança com o Fluminense, talvez a mais antiga com a “Sangue Jovem” é a “Força Flu”, do Fluminense. Que ela já tem 31 anos, e ela nasce de dois episódio... Ela nasce de um episódio: o jogo do Fluminense e Corinthians, aqui, que a torcida do Santos, ela dá um suporte depois de um episódio de encontro, de briga, e o Fluminense dá o suporte para a torcida do Santos, depois daquele episódio do Vasco, que o Santos... A torcida do Santos apanhou no São Januário. A torcida do Vasco invadiu, aí um setor foi para um canto, outro pulou para fora do estádio. E quebraram os ônibus todos, e quem foi

---

<sup>10</sup> Confederação Brasileira de Futebol.



dar o suporte também foi o pessoal do Fluminense, onde fortaleceu mais a união. Mas eu acredito, assim, que a maior parte das afinidades, das alianças, são por afinidades, e quando um rival dele é rival do outro. Tem essa questão. As rivalidades, elas combinam, então é um fator preponderante: afinidade e rivalidade.

B. G. – E esse contato se dá como?

A. C. – Hoje em dia, com a Internet, é muito mais fácil, os meios de comunicação, os grupos, as torcidas que tem, hoje é muito mais fácil. Hoje se estende mais do que as lideranças. Mas antes, era no alambrado mesmo (risos). Ia lá no alambrado: - “E aí, meu chapa, beleza?!”. – “Beleza, e aí, pá. Dá pra fazer um churrasco depois?”. - “Dá, da sim”. – “Então a gente sai do estádio, a gente cola em tal bar lá”. – “Combinado”. Antigamente era no alambrado.

J. F. – Eu queria voltar um pouco para a questão dessa relação da torcida com o clube. No caso do Santos, como que se dá a relação? A torcida tem autonomia? Ela mantém uma postura crítica em relação à direção?

A. C. – Eu vou ser bem honesto: hoje, infelizmente, nós somos a única torcida em qual o clube declara que ajuda as torcidas. As torcidas, elas recebem ajuda nos mandos do Santos, da cota de ingressos, e os jogos estratégicos, importantes, com ônibus nos jogos fora, que são os ônibus do adversário. Essa prática, na verdade, é uma conquista. A torcida do Santos conquistou isso. Depois de todo o período da década de 80/90, a torcida apoiando, indiferente do resultado, depois do jejum do Brasileiro, em 2002, eles reconquistaram, as torcidas reconquistaram esse direito de apoio do clube, com ingresso e ônibus. Mas, porém, você tem um cenário, às vezes, de limitação. Vocês podem perceber que a torcida do Santos é a que menos contesta. As decisões políticas do clube, podem ver que o ano de 2012/14, foi um ano que foi praticamente de quebras de tabus negativos, o Santos perder para o Corinthians na Vila, perder título pro Ituano, oitinho a zero em Barcelona, e a torcida ainda de forma pacífica. Eu e alguns meninos da “Jovem” fomos mais questionativos (sic), e isso tem preço. Tem preço porque eu construí oposição dentro da torcida, construir... Não inimizades pessoais, mas alguma parte desses recursos pararam de vir, por parte do clube, principalmente quando eu estive à frente da presidência. Então, é relação política, né? Mesmo que seja uma conquista, mas quem está te dando, ela cria uma relação: “E

daí, meu chapa, tu vai até aonde?”. E hoje se tornou um mal para as torcidas realmente estar junto. Porque perdeu a característica que as torcidas tinham, na década de 80, início de 90, de construir as suas coisas por si só. Que criou a dependência. E eu acredito que, mesmo que tenha sido uma conquista, tem que se reanalisar isso. E até hoje nós analisamos, hoje que eu participo do movimento político do clube, eu acredito que, se alguém tem que ajudar a torcida, tem que ser os patrocinadores, não o clube. Quando o cara vai patrocinar o clube, ele tem que saber que ele está abraçando um pacote. Além do time, de toda a estrutura, tem a torcida do Santos, que ela é parte participante desse cenário.

J. F. – Você acredita que essa é uma relação, no caso, específica do Santos, ou você acha que, de um modo geral, se estabelece esse tipo de vínculo torcida-clube, que o clube concede favores à torcida em troca de...?

A. C. – É, exatamente. Porque se a gente entender que é conquista, tem que estar registrado nos autos do clube, e não está registrado nos autos do clube. Então ele vira barganha. Quando ele deixa de ser conquista, se torna barganha, e se torna um problema. Porque a torcida, ela deixa de ter... Passa a ter insegurança de qualquer ação que interfira na administração, na política do clube, ela vem a perder o benefício, entendeu? E isso é certamente velado. Não é uma discussão que se discute aberto.

J. F. – E você dizia que para se posicionar de uma maneira mais crítica em relação à direção, você teve que se articular internamente na torcida.

A. C. – Sim.

J. F. – Explica pra gente como que é esse processo político interno na torcida. É um espaço democrático, há divergência de ideias?

A. C. – É um espaço democrático, há divergências de ideias, mas ainda acontece muito do mais forte levar. Porque, quando acaba o argumento, é a força. Infelizmente esse é o universo das organizadas. Muitas vezes, você tem que ter a habilidade de conseguir argumentar com o cara que é menos ideológico, menos de argumento. Então, às vezes, eu tenho também que ser mais

ríspido, ser mais duro, saber acalmar o cara na prática. Mostrar na prática para o associado qual o melhor caminho a tomar. Tanto que eu tive duas oportunidades, mesmo em uma situação dessas, de ajuda do clube, consegui pegar os caras e botar na porta do clube e cobrar a diretoria. Falar: - “Meu irmão, se a gente não cobrar, você está esperando o quê?”. Já entraram aqui, já pisaram no jardim, já quebraram a porta, daqui a pouco já expulsam a gente. E aí, alguns grandes momentos eu consegui pressionar. Tanto o comitê de gestão, pessoal da diretoria, cobrar jogador. Com o apoio da torcida, porque o problema é o apoio. Eu acreditar nas minhas convicções, eu tenho certeza disso, agora o problema é você fazer que a sua convicção esteja no coração e na mente dos outros 30, dos outros 60. É a parte mais difícil, mas se saímos bem, em alguns momentos.

J. F. – No caso da “Jovem”, vocês tem um conselho deliberativo? Como que é tomada a decisão? Eu entendi, tem...?

A. C. – Então, na “Sangue”, eu consegui, na minha gestão, reformular o estatuto, né, que o estatuto é muito antigo, e fazer uma eleição, que vai ser agora, em dezembro. Em dezembro a gente vai fazer uma eleição que já há dez anos não tinha. Participei do processo de democratização. Geralmente é assembleia e homologação, né? As pessoas na assembleia acabam homologando o presidente. Como é a segunda torcida, ela tem uma relação menor das grandes, não tem muitas chapas. Talvez esse ano tenha duas chapas. Se não tiver duas chapas, uma chapa, aclamação. Se tiver duas, voto direto.

J. F. – Você foi eleito presidente? Você foi indicado...?

A. C. – Foi aclamação.

J. F. – Foi aclamação?

A. C. – Foi aclamação. Por isso que quando me perguntavam: - “Você é presidente da ‘Sangue’?”. Eu falei: - “Eu estou. Eu estou presidente, eu serei no dia que eu for eleito.

B. G. – E como é que é... Quantos associados tem?

A. C. – Seis mil e duzentos, agora.

B.G. – E como que é a relação da “Sangue” com as outras torcidas do Santos?

A. C. – Então, a “Sangue”, ela tem uma diferença ideológica com a torcida “Jovem”. Uma diferença, talvez a gente acaba trazendo para dentro das organizadas do Santos a questão do regionalismo. Porque a “Jovem” é fundada na capital, a “Sangue” é uma dissidência da “Sangue Santista”, que foi a maior torcida do Santos no período de 70, início de 80. A “Sangue”, em 92, antes da ruptura, era maior, e a “Jovem”, como se preparou melhor depois do período do banimento das torcidas, ela conseguiu vir muito mais forte. Então, tem o problema da rivalidade. Porque isso a gente tem. A questão do tamanho, se tem ajuda, se tem benefício, então o tamanho é determinante na correlação de forças. Então, quanto maior, o benefício é maior, e isso gera disputa política dentro do cenário. Uma disputa até sadia, porque eu preciso aumentar a minha torcida para ela ser tão boa, tão quanto na arquibancada, para que o público reconheça uma torcida importante. E conseguimos isso. De certa forma, mantemos um bom público na Vila Belmiro. Nós somos a segunda, então o desejo da segunda é ser a primeira. Se ela não tem esse desejo, não tem razão dela existir. Então, uma disputa sadia. Claro que acaba algumas lideranças transferindo isso para o lado pessoal, e a gente tem alguns episódios tristes, de ruptura, de briga. Uma vez também, aqui mesmo no Pacaembu, aconteceu uma briga entre nós, por conta de uma dissidência que saiu para a segunda, ai está na pessoalidade, mas como está na pessoalidade, se ele está com a camisa da entidade, ele se torna uma questão de entidade. Então é difícil nessa hora ter um raciocínio e o diálogo. Principalmente quando tem personagens que estão comprometidos a resolver aquilo de fato.

B. G. – Mas então essa ajuda que o clube dá, ela é dividida entre as torcidas?

A. C. – Sim, o maior recebe mais. O menor recebe menos.

B. G. – Mas não tem nenhum tipo de pressão do clube em relação às torcidas, assim?

A. C. – Não existe a relação de cobrança, mas existe essa relação onde quem depende do benefício, de repente, fala: - “Pô, mas eu vou até aonde? Vou gritar alto até aonde? Eu tenho benefício!”. Porque é graças à ajuda do clube, graças mesmo que a torcida do Santos consegue acompanhar. O time, vocês podem ver, que alguns momentos, a gente tem problema de público, no cenário moderno do futebol. Na década de 80, a gente conseguia lotar. Dividir Pacaembu, dividir Morumbi. Com Flamengo, dividir Pacaembu com o Corinthians. Hoje a gente já tem uma dificuldade muito maior. Um pouco do reflexo da violência, que reflete isso na grande sociedade, a família. Algumas pessoas falam: - “Não, não foi para o estádio, porque o estádio é um lugar violento”. Que não é uma verdade. Talvez dentro do estádio, dentro da caravana, é o lugar mais seguro, porque tem escolta da porta da sede até o estádio. E entra e sai monitoramento, vídeo. O cara, geralmente... O grande problema está na forma que é tratado o assunto da violência. E aí, com certeza, qualquer disputa de espaço, física, ela é uma disputa. Tem algumas que conseguem trabalhar ela no campo das ideias, e tem outros setores que não.

J. F. – Por falar em disputa de espaço, eu queria fazer um contraponto: você falou que, quando começou a frequentar a Vila, você se recorda de uma arquibancada com inúmeras faixas. Eram várias torcidas do Santos.

A. C. – Exato.

J. F. – Hoje existe a liberdade de abrir uma faixa na arquibancada na Vila?

A. C. – Não, não. Hoje, pra você colocar a faixa, além de você ser uma torcida constituída juridicamente, CNPJ, etc e tal, dentro do novo código civil, você tem que, todo antes de jogo, que ir na reunião do batalhão daquela partida, levar um ofício, protocolar o ofício, esperar autorização do comandante, pra ver se pode por a faixa. E agora que tem o estatuto do torcedor, mas aqui no estado tem uma lei estadual que define alguns parâmetros: a torcida só pode entrar com sete instrumentos, não pode plástico, não pode tal, não pode bandeira, não pode mastro, não pode uma faixa. Então é tudo controlado, tudo induzido. A argumentação da corporação é que, assim: - “Vocês construíram isso. Vocês que construíram isso”. Pô, mas o entendimento, se o problema da dispersão e da violência nos estádios, ou a violência que gera dispersão nos estádios é a falta, realmente, de comprometimento com o espetáculo, existe uma contradição

na lei muito grande. Porque se a lei inibe a festa, ela está fortalecendo a violência. Porque o cara fala: - “Pô, está ficando chato esse lugar”, ele vai lá para fora. E lá fora que... O problema acontece do lado de fora, essa que é a grande realidade. O grande problema está fora do estádio. A gente tem que incluir as pessoas para dentro da festa. As pessoas tem que se sentir parte do espetáculo. Então quando as pessoas estão fora do espetáculo, gostando daquilo, porque é uma coisa que está enraizada, o futebol na semente das pessoas, se ela se sentir de fora, ela vai construir o espetáculo dela. Por isso que ela encontra na briga de torcida pelo menos uma alternativa pra se fazer valer, se fazer aparecer, fazer parte do sistema. Uma maneira de protestar.

J. F. – Não tem nenhuma perspectiva de reverter essa proibição, das bandeiras, da festa que se fazia antes?

A. C. – Estamos em um processo muito bom, muito interessante no cenário nacional, de argumentação. Hoje nós temos o governo federal, através do Ministério do Esporte, fazendo seminários, reunindo, colocando na mesa polícia, setores de segurança pública, o Ministério do Esporte. Encostou agora o Ministério da Justiça, que deu mais leque ainda para estudar a situação do movimento, das torcidas em si, e as torcidas dialogando. Isso é importante, porque nós somos rivais, nós não somos inimigos. Porque no futebol moderno, se nós analisarmos quem é o verdadeiro inimigo da torcida, hoje é a estrutura futebol, hoje é a CBF, hoje é a Federação Paulista, hoje é a Rede Globo, que elas que organizam o evento e colocam toda a nossa organização, a nossa existência, a risco. Então, esse novo diálogo que se abriu com as lideranças, e agora cabe às lideranças conseguirem transparecer esse diálogo para dentro das suas torcidas, é um passo fundamental para um novo quadro. Porque hoje nós temos dois caminhos: ou as torcidas se organizam e conseguem fazer valer a sua existência, ou elas vão ser extintas. Pelo poder judiciário, ou pela própria organização do evento. Estamos caminhando para esses dois fins, no momento.

B. G. – Mas há essa vontade de diálogo por parte das lideranças das torcidas?

A. C. – Algumas, algumas sim. A grande maioria sim. Nós temos um problema, que as grandes, realmente as primeiras, as maiores, elas tem dificuldade de conversar com as outras grandes

primeiras, por conta dos episódios de rivalidade, onde que tem, infelizmente, revanchismo, tem morte, e aí está manchada de sangue essas relações. E aí tentamos justamente ser intermediadores nessa tentativa de conseguir dividir as dificuldades entre elas e conseguir os pontos de união, e os pontos que interessam.

R. P. – Você esteve envolvido com a Conatorg<sup>11</sup> e tudo, na época?

A. C. – Não, não tive. Infelizmente não. Acompanhei de longe.

R. P. – Certo.

A. C. – Acompanhei de longe, infelizmente não ocupava cargos dentro da torcida, não poderia estar nesse período. Que trouxe alguns benefícios, né?

R. P. – Sim.

A. C. – Trouxe um início. Embrionou talvez esse momento que nós vivemos.

R. P. – Você acha que esse momento atual é um desdobramento do que foi a Conatorg?

A. C. – Sim, acho que é ciclo. Acho que na história é exatamente o que se planta aqui. Mesmo que ele não venha semear agora, ele semeia num futuro próximo. Teve muitas demonstrações. Teve episódios da Conatorg que você via “Gaviões”, “Mancha”, “Independente”, “Torcida Jovem”, todos juntos em um propósito que era abertura. Realmente a Conatorg mostrou que, quando há necessidade de se organizar ao extremo, é possível. Agora nós precisamos conseguir fazer com que isso exista e seja permanente. Que continue existindo esse sentimento de se existir, porque talvez, assim, as organizadas, além de se reeducar, precisamos entender que ela é uma organização civil como qualquer outra, num estado democrático. Se nós começarmos a fechar torcidas organizadas, daqui a pouco fecha sindicato, daqui a pouco fecha universidade,

---

<sup>11</sup> Confederação Nacional das Torcidas Organizadas

daqui a pouco vai fechando... Abre a porteira. Então, é muito mais profundo do que as próprias torcidas podem pensar que é, a nossa sobrevivência.

B. G. – E é uma inspiração da militância, porque você veio de outra..., de movimento estudantil e tal, e ingressou. Tem essa... É comum esse tipo de...

A. C. – Diálogo?

B. G. – É, de diálogo.

A. C. – É, realmente a gente está se espantando, porque está aparecendo muitas lideranças nesse sentido. Como eu, como a “Dragões”, como... No Rio de Janeiro tem uma federação, por exemplo, as quatro grandes. Na verdade, com 50, ou 38 torcidas, 38 ou 50 torcidas. Quer dizer, todas as torcidas dos grandes times estão. As 10 grandes estão lá: as duas do Botafogo, as duas do Flamengo, as duas do Fluminense. Então, quer dizer, e no Rio se avançou muito na questão de segurança para os estádios. Existe uma policia específica, que trata com o torcedor organizado. Quando tu chega lá, a torcida de São Paulo, no Rio, eles te recebem, já falam pra você: - “Olha, meu irmão, aqui o esquema é assim”. Já te leva para o estádio, fica no estádio com você, e te leva embora. É uma policia específica. Não é o mesmo cara que trata o marginal, porque o problema da marginalização tá aí: por conta da violência, trata o torcedor organizado igual bandido. O cara que é 157, o 171, faz latrocínio. Existe uma diferença grande, porque você pode pegar associados de torcida organizada de classe B, classe C, classe A. Você encontra empresário, chefe de família, operário. Você encontra todo esse tipo de pessoas dentro das torcidas, então se trata de dois universos muito diferentes. E no Rio se avançou muito por conta desse diálogo, por conta de ter a federação que representa as torcidas, e há entendimento entre elas.

B. G. – Então no Rio tem uma policia que cuida só disso?

A. C. – Sim, se chama GEP.

B. G. – GEP?



A. C. – GEP. É um policiamento, um agrupamento específico para torcidas organizadas,

B. G. – E como que é aqui?

A. C. – Aqui é o Choque (risos). Aqui é o Choque.

B. G. – E como que é pra você... Quando vocês vem assistir jogo em São Paulo, como que é a organização, o diálogo com a policia, se é que tem, como que é?

A. C. – A gente não faz nada sem dialogar com a policia. Acho que o mais importante é isso. A torcida organizada, a sua liderança, sua caravana, ela... Da onde ela sai, para qualquer lugar do país, ela, durante a semana, antes da partida, ela se oficializa, sua ida, seus materiais, seus componentes. A gente vai rastreado, estamos rastreados 24 horas por dia. Não existe esse intervalo. Geralmente o que acontece, em alguns episódios, são justamente displicência da própria corporação. Que nem foi o episódio do Atlético Paranaense e Vasco, em um estádio sem policiamento, você colocar duas torcidas que tem um histórico... Por quê? Porque não existe inteligência para a segurança desportiva. Então colocaram lá uma linha de policiais que saíram para tomar café no intervalo do jogo, deixou duas linhas abertas de duas torcidas rivais nacionais. É natural que aconteça o que aconteceu, os caras se pegarem de barra de pau, dentro do estádio. Então, tem que ter um olhar clinico, geralmente, para entender esse universo.

B. G. – Mas a policia está interessada em...?

R. P. – Vai trocar a fita daqui a pouco. É melhor já trocar. Isso.

[FINAL DO ARQUIVO I]

R. P. – Então, Alexandre, tudo bom? Queria que você voltasse um pouco, falasse um pouco da sua trajetória na militância política, como foi que você se envolveu com isso? Foi ainda jovem? Contasse um pouco sobre como foi essa experiência.

A. C. – No ensino secundarista, no Dino Bueno, onde eu estudei, teve um projeto que chamou “Projeto Carlitos”, que era da Secretaria de Cultura de Santos, e eles levaram oficinas para dentro da escola, onde tinha capoeira, teatro, dança de rua, papel maché, entre outros. E me interessei muito pelo teatro e pela capoeira. Me inscrevi logo nos dois. As conclusões dos projetos eram algumas apresentações, tanto da peça quanto da capoeira, e acabei sendo absorvido para o “Projeto Carlitos” Dentro da Secretaria de Cultura, onde que boa parte dos dirigentes culturais eram militantes, aí onde eu conheci o dirigente da parte teatral, que ele era comunista. Afiliado ao Partido Comunista, e aquilo era muito novo, e as ideias muito interessantes, de transformação social, e tal. E ali comecei a frequentar o movimento cultural. E, por consequência, nesse período também estava se reorganizando na escola os grêmios estudantis, e aí onde que, nessa turbulência cultural de informações, me senti envolvido. Particpei do primeiro grêmio depois da ditadura, dessa escola. Fui primeiro suplente, no outro ano fui presidente. (risos). Aí tu já viu. Dali ajudei a reorganizar a União Paulista, que era estadual, e por incrível que pareça, foi no Colégio Canadá, onde foi até a escola do governador Mario Covas, essa entidade acabou. Teve um congresso que acabou em confusão, e não elegeu diretoria. Aí eu me encontrei dois anos depois reorganizando ela. Foi meu primeiro encontro estudantil, assim, estadual, e no meu segundo encontro, estava reorganizando essa entidade estadual. E aí a militância estudantil, ela dá esse leque. De você conhecer universidades, viajar, ir em eleição, em congresso, em seminário, e eu conheci o Brasilão mesmo, bastante. E aí você acaba levando a sua identidade, eu andava sempre com a camisa do Santos. Então esse debate do futebol também é muito vivo no setor onde eu trabalho, no movimento também era. Então era muito... Uma parte talvez fundamental na minha formação, porque o movimento me ajudou a entender o estado, o fundamento de organizações, e fortalecer a minha identidade. Minha cidade, meu clube, me sentir parte desse universo. Foi o movimento que me ajudou a inserir no meu modo de pensar e de me organizar. Principalmente me organizar. E quando eu voltei para Santos, foi na torcida que eu coloquei isso em prática, tudo que eu aprendi na estrada. Me organizar no núcleo, na torcida, organizar caravana, procurar o poder público para

pedir ajuda, fazer eventos. Então, elas se confundiram naturalmente, no dia-a-dia mesmo. Na ação de existir, conviver em grupo, em sociedade, e a torcida era mais uma.

B. G. - E a torcida te recebia como com a sua militância?

A. C. – É, foi difícil. Querendo ou não, a maior parte da organização das torcidas é um pouco muito na emoção, não é razão, então é difícil alguém ficar na sugestão, mas algum projeto ou outro sempre passava. Tipo doação de sangue. Eu falei: - “Ah, vamos fazer um projeto de doação de sangue, e tal”. - “Ta, vamos!”. Foi. Aí: - “Vamos fazer uma parceria tal, pra fazer uma bandeira”. - “Ah, beleza, vamos”. E aí, quando foi vendo, tinha 10, seis projetos, que a gente estava envolvido nesse cunho. Quando eu estava já na executiva, quando eu fui relações públicas, isso ficou muito mais forte. Porque conseguia procurar ex-jogador, conseguia procurar ministério, conseguia secretaria de esporte, então essa relação para mim era mais fácil. Porque eu sabia oficializar, sabia argumentar, sabia me comunicar com esse setor, porque a militância do movimento estudantil tinha me permitido dialogar com o setor... Com o poder público, então facilitou a torcida. E quando eu vi, eu era um desembaraçador de nós. A torcida fazia a cagada, eu ia lá desembaraçava o nó (risos). Com a polícia, com o Estado, com a própria diretoria do clube, isso foi me ajudando a me destacar, sem dúvida, dentro da torcida.

J. F. – Durante a tua presidência, tem algum episódio de cobrança em relação ao elenco, ao time? Como é que é essa relação da torcida com o time?

A. C. – Eu peguei talvez o pior jogo. Eu fui o único representante da “Sangue” que foi para Barcelona. Que o Santos perdeu de oito a zero, em um amistoso. Um time que não estava preparado, que era um time recém montado. Tinha acabado de vender Neymar, vendido praticamente todo o time campeão da Libertadores e da Copa do Brasil, e fomos praquele jogo, que foi um vexame internacional, que o Santos nunca tinha passado. Eu saí do estádio e fui diretamente para o hotel que o Santos estava hospedado. E eles não tinham chego ainda. E, quando eu vi o segurança do Santos entrando, eu falei: - “Eles chegaram”. Não tive dúvida: fui em direção à comissão técnica e perguntei: - “Cadê o Nei Pandolfo?”, que era o diretor de futebol. Aí nessa ele veio, fui pra cima dele, em todas as vias, cobrar dele aquela postura. Porque nós que estávamos indo pra lá, que sabe a dificuldade que tinha ido, jamais poderia ter

escalado um time que não tinha nem entrosamento, para um jogo contra um time... E é a pior coisa, tu vê o seu ídolo jogando contra você. Quando a gente percebeu o tamanho da jogada política e de *marketing*, que não estava ali os interesses do clube, aquilo deixou a gente revoltado. Eu fiz a cobrança, até o Globo Esporte estava, filmou, fomos para cima dele, e quem ficou com nós foi o Montillo, o Edu Dracena, o capitão, e o Arouca, que ficou conversando com a gente, falando: - “Pô, mas tem que se acalmar”. Falei: - “Como se acalmar, meu amigo? Sabe quando o Santos tomou de oito a zero, internacionalmente? Quem fazia oito a zero era nós” (risos). Entende? Porque ali existia uma confusão. Muitos de nós que estávamos cedo em Barcelona, no hotel, víamos que não tinha ninguém controlando o acesso dos moleques. Vinha cartolagem espanhola entrando e saindo no hotel, conversando com os moleques. Então, para a cabeça daqueles moleques que estavam ali, era grande oportunidade de mercado para eles. Não era a grande oportunidade do Santos defender seu escudo. Então existe uma inversão de valores ali. Um problema que a gente percebeu tarde, né? O problema da falta de organização. Se você percebesse o tamanho do risco que a gente estava passando naquele jogo, tanto que ele culmina na crise da atual administração, é realmente algo que machuca para a gente, que vive, acompanha. O dinheiro que eu gastei para chegar até lá, para tirar passaporte, para comprar uma passagem pra Espanha. Realmente foi doloroso.

B. G. – Mas vocês não sabiam do esquema do Neymar, nada disso?

A. C. – Não, mas, assim, já voltei de lá, já participava, mesmo na torcida, já participava da questão da militância política do clube. Já tinha uma certa insatisfação. Ali começou a se comprovar. A partir dali, começou a gente ver um cenário diferente da atual administração. Isso ali nos preocupou muito. E era uma relação que era difícil. Eu já tinha ido pra cima, sem consultar diretoria nem nada. Eu não falei: - “Olha, to indo aqui pra cima dos caras...”. Zero, ali foi emoção. Acabou o jogo, eu queria pegar alguém de pato lá, para cobrar. Que era o representante da minha torcida fora do país. Então, os caras ficaram: - “Pô, vai devagar, toma cuidado.”. - “Toma cuidado o quê, rapaz? Nós perdemos de oito a zero, né?”. E tanto que a consequência foi perder de oito a zero, perder para o maior rival um título em casa... Descobrir a questão da venda do Neymar, problemas de administração, contratação de jogadores, que valem milhões, sem expressão em campo. Então a gente começa a ver um celeiro de problemas, que é justamente a questão do futebol moderno, o interesse do capital. Grupos de investidores

que investem dois, três milhões, tiram o dobro. Não deixa nada. Um clube sem patrimônio, um clube... Então a gente começa a analisar e começa a ver que o problema é muito maior.

J. F. – Mas assim, existe um canal de diálogo entre a liderança da torcida e a liderança do time? Vocês às vezes se encontram...?

A. C. – Não, é muito velado, é muito velado. Eu consegui estabelecer algumas conexões. Consegui... Quando o Marcos Assunção saiu do Palmeiras e foi para o Santos, a gente fez questão que ele viesse conversar conosco, porque é um cara... Se identificou como santista, e tal, e nós fizemos questão, toda a assessoria falou: - “Nós queremos conversar com o Marcos Assunção, falar que ele é bem-vindo, e tal”. Apresentei até um projeto de futebol de base, com crianças oriundas dos sócios da torcida, infelizmente não progrediu, mas é exatamente... Porque a gente já entendia que o time precisava de um novo líder, e a gente foi lá falar pra ele: - “Cara, assume esse papel, e tal”, só que a comissão técnica preferiu deixar o Marcos Assunção sempre como segundo plano, então ele não conseguiu desempenhar o papel de ídolo. Então, essa relação é difícil. E foi um clube que, ela blinda os atletas, realmente. O atleta, vamos dizer assim... Que é errôneo no Brasil, ele é tratado como tratado como um astro, uma estrela, não como mais um integrante. E eu vi isso diferente na Alemanha. Porque na Alemanha, um time que perde, ele pega todo o time, vai até em frente à torcida e vai cumprimentar. Ganhando ou perdendo. Porque eles são parte de uma estrutura, não são as pessoas mais importantes. São importantes, é através do atleta que simboliza todo o nosso amor, mas eles são parte do espetáculo, não são... E aí essa blindagem realmente é difícil. A gente consegue estabelecer com alguns, como a gente tinha com o Léo, guerreiro da Vila, também tinha esse papel de interlocução com a torcida. O Léo mesmo no oito a zero, foi um cara que... : - “Pô, cara, vamos sentar ali, vamos conversar, se acalmar. Não estava valendo tanto mais...”. Então, realmente, tem que partir mais do atleta do que de nós. Porque a postura do clube mesmo é blindar. Blindar porque... Por conta da marginalização e tal. Que os fatores externos não influenciem dentro de campo. Geralmente é esse tipo de blindagem.

J. F. – E a relação com o Serginho?

A. C. – Muito boa. O Serginho é um ídolo nosso, encontra ele nos principais *societys* hoje, na Várzea do Santos, nas *societys* lá, sempre está fazendo uma peixada, um camarão, e é um cara de massa mesmo. Ele tem esse perfil da Várzea, de estar próximo. Não é de se afastar. Grande ídolo nosso.

B. G. – E como... Bom, a cidade é pequena, relativamente, e vocês, como torcida, vocês têm uma certa vigília em relação aos atletas? Vocês sabem onde eles estão, vocês ficam atrás? Os dirigentes, é mais fácil de encontrar? Como que é isso?

A. C. – Assim, é mais comum de encontrar, sem dúvida. Santos é uma cidade de 500 mil habitantes. Hoje acho que 600 mil. É natural tu encontrar no supermercado, uma ocasião ou outra, mas é exatamente isso, a relação de estrelato mesmo. O atleta tem essa relação de ser um astro, e ele se proteger, realmente. Indiferente se o time vai bem ou vai mal. É uma relação, geralmente, da maioria dos atletas. Porque o Santos é um time de muita visibilidade. Mesmo na cidade pequena e província, ele ser um atleta titular do Santos, ele tem visibilidade nacional. Então, assim, é comum encontrá-los. É muito comum encontrá-los, mas a torcida, ela não tem essa postura de tietagem, vamos dizer assim. Pelo menos a torcida do Santos tem uma relação de respeito. A gente respeita muito os atletas, mas não tem a tietagem. Até mesmo na era Neymar, pode ver que as organizadas são muito bem... Não tem muita tietagem. Por que isso? Porque nós temos, em particular a torcida do Santos, um grande ídolo, que é o Pelé. E o Pelé talvez por conta, que ele é um cara que jogou quase todos os seus títulos foi com a camisa do Santos, então a gente tem uma relação de, assim, você é bom, mas você não é o Pelé, entendeu? Então tem essa cultualização dele dentro da torcida do Santos, que é respeito pelos atletas, mas não veneração. Mais ainda um pouco da blindagem que tem, então é uma relação meio fria. Deveria ser até mais próxima. Ai é assim, claro que acontecem episódios. Tu encontra na baladas, os caras falam: - “E aí, rapaz, está fazendo o que aqui? Vai descansar, meu irmão.” (risos). Acontecem esses episódios, principalmente os atletas mais novos, que é um pouco do perfil do clube. Mas não tem perseguição, o Santos é bem... Talvez o efeito do benefício também, então tem toda essa correlação de coisas aí, é uma relação tranquila. O último episódio de invasão de CT foi na época do Fabio Costa, acho que 2002/2000. Faz tempo que a torcida do Santos não tem problemas com atletas.

B. G. – E o que vocês acharam da venda do Neymar? Vocês...?

A. C. – Na verdade, nós fomos iludidos, né? A gente teve o primeiro contrato dele, e aí foi o primeiro grande atleta que ficou, e na verdade foi um grande golpe. Eles esperaram a desvalorização do atleta para valorizar no mercado, para ser vendido em um momento que falavam: - “Ah, não dá mais pra segurar o atleta”. Na verdade foi um grande golpe. E nós estamos tentando, estamos aguardando aí. Existe uma linha de investigação muito forte. A gente até hoje não entende que caiu um presidente do Barcelona, não caiu do Santos. Com comprovações de manipulação na planilha financeira do clube, e aqui passou batido. Então... A gente fica triste. Como eu disse anteriormente, a coisa mais triste que eu vi foi ver meu atleta estreando, com a camisa do time adversário, contra o meu, né, cara?! E depois que ainda apareceu a provável contrato de exclusividade na final, deixa muito... Não digo que desabrilhanta (sic), que tira o brilho de Neymar, que a história dele está escrita. Esperamos que um dia ele volte. Mas de fato coloca em xeque a decisão do Santos. Se de fato ele entrou em campo já com pré-contrato, um menino que, na época, tinha 19 para 20, realmente mexeu com a cabeça dele. Pô, está jogando com o time que ele vai jogar, realmente ele, né? Como pode ter influenciado todo o corpo esportivo do time que entrou na final. São coisas que a gente, é bastidor, não temos provas concretas, mas a gente fica triste. Porque exatamente, é tudo contra aquilo que o torcedor quer, que ele vai buscar no estádio. Conseguimos separar isso, a cartolagem do Neymar, do atleta, mas, assim, não podemos deixar, caso seja provado, que seja culpado, que as pessoas responsáveis sejam punidas, e que ressarcam o clube de certa maneira. Porque foi uma grande oportunidade jogada fora, isso influenciou a decisão do mundial.

B. G. – Mas que tipo de influência que a torcida organizada unida pode ter nessas decisões do clube?

A. C. – Eu acho que, assim, a torcida, o fator... O Santos Futebol Clube sempre teve dois grandes responsáveis: um sempre foi seus atletas revelados, Robinho, Diego, Pelé, Mengálvio, Pepe, agora Neymar, e Gabriel, agora, que também é uma promessa, mas sempre teve a torcida. A torcida sempre foi um fator que foi preponderante. O Santos, por exemplo, no seu segundo mundial, que foi no Maracanã, ele teve um terceiro jogo, porque naquela época não tinha pênalti nas decisões, então ele teve que jogar um terceiro jogo no Maracanã, onde que a torcida

toda do Rio adotou o Santos, contra o Milan. E aquela pressão foi determinante, porque o Milan era um time... Eles tinham uns dois, três Pelé, na verdade. A gente tinha um Pelé, tinha um time competitivo, mas o Milan era um time muito mais... Tão competitivo quanto o do Santos. Tanto que a primeira partida, nós perdemos de cinco a um. Conseguimos reverter o placar no primeiro jogo, no segundo jogo, na terceira partida ganhamos de um a zero, sem Pelé. Então quem ganhou aquela partida foi a torcida do Santos, junto com os fãs do futebol, no Rio de Janeiro, empurrou o time. Foi uma partida difícilíssima. Chovendo, com toda a química que tinha em uma decisão de mundial. E a torcida do Santos sempre foi importante no jejum, também, de 84; na final de 2002, que também, o Corinthians também... Nas duas situações, o Corinthians era muito superior, tinha atletas de muito mais renome, e realmente ali, os atletas se superaram, como lá em 84, com a torcida empurrando, 2002 com a torcida empurrando também. Então, a torcida do Santos é uma marca registrada. Talvez por isso que ela conquistou seus benefícios junto com o clube, porque o clube sabe da importância da torcida empurrando o time. Geralmente quando tem um desequilíbrio técnico.

J. F. – Já que a gente está falando da torcida do Santos de novo, você poderia resgatar a passagem da “Sangue Santista”? Quando que ela se desfaz, e o que levou a...?

A. C. – A “Sangue Santista”, ela se torna uma das principais torcidas do Santos, no início da década de 80, que era uma torcida da baixada, da região, e eu acho que toda entidade, quando ela cresce muito, ela acaba criando tendências. Então, um posicionamento de um setor querendo alçar a direção da torcida acabou talvez não juntando um número suficiente de componentes para tomar a frente da torcida, ela acabou se dividindo, se tornando uma dissidência. E é muito interessante essa história, que essa dissidência, ela se tornou “Sangue Jovem”, né, que eram os jovens da “Sangue Santista”, de certa forma, e em um ano ela ficou maior. Conseguiu se tornar maior, a “Sangue Jovem”. Ela ficava do outro lado do estádio, ela saiu de onde hoje é a “Sangue Jovem” ficava a “Sangue Santista”. Eles em um jogo, se eu não me engano foi contra o São Paulo, a “Sangue Jovem” pegou todas as bandeiras, levou para o estádio, acho que eram 10, 12 bandeiras, eles atravessaram todo o retão da Vila Belmiro, eles invadiram o setor da “Sangue Santista” e tomaram o espaço. E foi uma tomada simbólica da “Sangue Jovem”, que aquele era um momento que a oposição cresceu, e a dissidência se tornou maior do que o progenitor, e eles, por honra, foram tomar um espaço



que era de origem. E é assim, eu acho que é disputa de ideias, de poder, é natural nas torcidas, e como tem em qualquer outra organização, e a “Sangue Jovem” é uma história também de superação interna, de rupturas ideológicas, de entendimento. De apoio ou não à administração, de apoio ou não ao time, e a “Sangue Jovem” nasce desse movimento, de uma organização de pessoas, de lideranças, que não concordavam mais com a maneira da condução da “Sangue Santista”. E em um certo período, eles fizeram a dissidência e na hora que eles também se sentiram superiores fisicamente, eles foram retomar o que eles, o que era o espaço deles na arquibancada, onde ocupa até hoje, desde 88.

R. P. – Alexandre, eu queria que você falasse um pouco sobre essa identidade regional dessas torcidas organizadas do Santos, a “Jovem”, com os santistas da capital, e a “Sangue” com a baixada, assim. Você falasse um pouco... Existe uma...?

A. C. – Eu acho que, nos últimos anos, isso esmoreceu bastante, mas eu acho que a boa parte dessa rivalidade, ela é adotada por conta do regionalismo. Da baixada com paulistanos, e isso nasce da cultura da praia. Cultura de praia: - “Ah, pessoal paulista vai para a praia para sujar a praia”. A gente falava: - “Praia de paulista é rio Tietê”, e tal, essas...

R. P. – Você percebe internamente essa rivalidade?

A. C. – Sim, isso já teve mais aguçado, hoje é muito mais tranquilo.

R. P. – Sei.

A. C. – Hoje, talvez, o momento que o Santos vive, ele joga muito mais para a unidade. Hoje, por exemplo, eu tenho muitos grandes amigos na torcida “Jovem”, entendeu? Indiferente deles morarem em São Paulo ou não, e talvez até pelo processo de modernização dos estádios, a gente vê a necessidade de estar mais juntos, de apoiar o Santos fora da baixada. Em outros estados, a gente, às vezes, vai um ônibus da “Sangue”, um ônibus da “Jovem”, a gente está junto na roubada. Para viajar 300, 400, 500 quilômetros. Então a gente tem que ir junto. Se a gente não estiver junto, quem está por nós é nós, nessa situação de jogos de guerra, com Cruzeiro, com Bahia, com Flamengo, no Rio. Então a gente tem que

estar junto. O regionalismo sem dúvida, né, cara, porque eu acho que é assim, são três coisas que, pra mim, se discute: é futebol, política e religião. São três fatores determinantes da existência humana. O cara que não discute essas três coisas, ele está fora do processo da humanidade, da sociedade. E, sem dúvida, a questão política, ela vem da questão regional. Da divisão, da... Desde o Tratado de Tordesilhas, das Capitanias Hereditárias, a gente tem um problema de diferenças de classes que estão relacionadas a isso. E isso transfere para o futebol, subliminarmente. O cara que é mais pobre, mais rico. As questões de classe estão aguçadas nessa questão. Que nem a gente estava falando agora pouco, de repente a torcida do Palmeiras tem um pessoal que é do setor da classe “B”, “A”; pessoal do Corinthians da classe “C”. Então, essas questões estão vivas. Estão camufladas, mas estão vivas no futebol. Por isso, talvez, toda a rivalidade, toda a pressão, toda a questão que acaba culminando na violência. Porque elas estão enraizadas no ser humano, e na torcida isso está mais aguçado, porque estão lá prontos pra qualquer coisa, as organizadas. E transfere para alguns momentos de rivalidade física mesmo. As próprias torcidas do próprio time. Graças a Deus não tem sido uma constância. Vamos seguindo dentro da medida, até por conta das diferenças ideológicas.

B. G. – E falando... Você falou das caravanas, e tal, você já sofreu alguma emboscada, alguma...?

A. C. – Putz, o que mais sofre é emboscada (risos). Voltar de jogo...

B. G. – Como é que é? Conta para a gente como é que é.

A. C. – As escoltas, elas tiram nós da cidade ou do estado. Na capital, por exemplo, vai jogar em B. H., eles vão te pegar do estádio, lá do Mineirão, e vão te deixar na porta da B.R. e na B.R. é você e Deus. E é na B.R. que as coisas acontecem. Às vezes tem um carro de “bote”, às vezes tem uns caras nos pontilhão, que tem chuva de pedra, e aí que acontece os ataques. Geralmente, muita pedrada. O que acontece é muita pedrada. Está passando com o ônibus, uma saraivada de pedrada, e torcer para não cair na cabeça, e cortar o vidro na cara, e passando o fio até em casa. No Uruguai, a gente foi apedrejado na Libertadores. Foram dois episódios horríveis. Cerro Porteño e também na final, no Centenário com o Peñarol. Chegamos na cidade, o policiamento também fraco, apedrejados. Já chegamos no... O Cerro

Porteño foi no estádio. Foi apedrejado dentro do estádio. Uma situação bem difícil também, tinha criança, aí pegou em criança, a gente viu criança ensangüentada. E aí nós ficamos mais propícios à guerra. Geralmente a torcida vai... Entre torcidas, a grande rivalidade é roubar bandeira, do adversário. O grande troféu para a gente, nasceu tudo no rouba bandeira e algumas situações vão ficando mais graves. Mas o troféu, para a torcida, é pegar uma bandeira do adversário. Esse é o grande objetivo, na verdade. Algumas torcidas, alguns grupos, tem, infelizmente, a questão, que nós somos contra, praticamente somos contra, a arma de fogo e arma branca, esse tipo de prática. A gente é a favor de se defender de forma humana, mão a mão, olho por olho, dente por dente, mas infelizmente tem se marginalizando algumas situações, realmente.

J. F. – Qual que é o clássico de maior risco do Santos, fora de São Paulo, que você considera?

A. C. – No estado, hoje, sem dúvida é Santos e Cruzeiro, com a “Máfia Azul”. Ou o Coritiba, estão no mesmo pé também, com a “Império” do Coritiba. São dois jogos que a gente chama jogos de guerra. São rivais que já pegaram faixa, já pegaram bandeira. Ou que nem já aconteceu um episódio que a gente teve que descer do ônibus para brigar com a torcida do Cruzeiro, na própria estrada. Os caras estavam com pau, pedra, então a gente tem que proteger o ônibus, que nosso único veículo de comunicação é o ônibus. Então não dá para ficar no ônibus esperando acabar a pedra. A gente teve que descer e tentar afastar. Porque a postura é uma postura até militar mesmo. Se você estiver fraco militarmente, com menos componente, você vai ser oprimido. Se você coloca mais oponentes na rua, você consegue oprimir o outro, fazendo com que ele recue. O objetivo é fazer com que o adversário recue. Ele vai para lá, tu vai para o teu ônibus e para o estádio. Geralmente é o tipo de cenário que a gente encontra. E quanto maior a torcida, mais se defende. Nós somos uma torcida que se defende, na verdade.

B. G. – Mas essa rivalidade, ela tem a ver com o time ou ela tem a ver com lideranças de...?

A. C. – Ela nasce no time, mas vai para a questão da rivalidade, do episódio. Vai lá rouba a bandeira, aí a gente vai lá, vamos tentar roubar a tua bandeira, e aí a coisa vai ficando mais

perigosa, porque o cara vai tentar cada vez, de qualquer jeito, pegar a bandeira, a faixa. E é aí que o jogo fica sério.

B. G. – E quando pega a bandeira, vocês levam para a sede de vocês?

A. C. – Aí geralmente alguém guarda. É um troféu individual. É da torcida, mas é individual. Porque é roubo, né? Caracterizado. Se eu for lá fazer um b.o. É roubo. É claro que o adversário não vai fazer o b.o., ele vai querer catar a sua bandeira, mas, querendo ou não, é roubo. Se trata como furto, você catar a bandeira do adversário. Então é um troféu de quem pegou. Se eu fui lá pegar, ela é minha.

B. G. – E como que é vista essa pessoa que pega a bandeira?

A. C. – Ah, sim, é um ícone, né! (risos). O cara que consegue pegar a bandeira do adversário, ele é o... É um exercício militar, o rouba bandeira, das forças armadas. E se transferiu para o nosso setor, das torcidas. Que até acho sadia, se ficasse só na rouba bandeira era divertidíssimo. Infelizmente tem umas pessoas que tratam com mais seriedade essa questão. Claro que é muito ruim perder a bandeira, para uma direção, para um diretor, para um presidente perder uma faixa, a bandeira, é uma questão de desorganização, alguma coisa você errou, mas, na minha opinião, não é uma questão de vida ou morte. Ninguém deveria morrer ou matar pela bandeira. Mesmo que, tem todo o simbolismo, a torcida em si é o patrimônio, está nesse sentido, é necessário ter outras regras. Por exemplo, na Alemanha a gente sabe muito bem que a briga, ela não sai da mão. Eles brigam na mão, e quando o cara cai no chão, os caras não batem mais. É uma questão, é um código de honra que eles tem. E aqui não existe um código de honra. Isso talvez que atrapalhe muito. A torcida principal, que perde a bandeira, ela deixa de existir, o que também é um outro código de honra. Talvez não ter existido esse diálogo, que a gente está tentando chegar hoje, levou a esse nível de episódio hoje entre as torcidas.

J. F. – Você mencionou aquele jogo do Santos com o Vasco. Você estava presente?

A. C. – Não, não estava. Acompanhei pela tv.

J. F. – No Rio de Janeiro, a maior rivalidade...

A. C. – Sem dúvida é o Vasco, “Força Jovem” do Vasco. De todas do Santos. A gente tem o Fluminense como aliado, a “Força Flu”.

B. G. – E em São Paulo, hoje?

A. C. – Em São Paulo nós não temos aliado. Até natural, porque no próprio estado você é rival. É teu adversário direto. Afinidades em São Paulo, ninguém (risos). A entidade, né. Eu tenho grandes amigos, de várias torcidas, mas afinidade com ninguém. A entidade não.

B. G. – E você, como presidente, teve alguma questão muito complicada que você teve que lidar?

A. C. – As questões das mortes, da prisão do ex-presidente, algo muito... Que teve também a questão midiática nacional. Sua família, as pessoas que estão perto de você, ficam preocupadas. E teve bastidor, a própria polícia tem um tratamento diferente para conversar com você, presidente. Da o nome, você vai no DHPP<sup>12</sup>, tem que ficar alguma horas sob depoimento, então tem uma pressão muito grande. O cara, tanto a estrutura oficial, como o policial do dia-a-dia, o tratamento é diferente, do torcedor organizado. Muitas vezes você está em risco mesmo. Você está exposto e em risco. Tem que ter uma firmeza ideológica, uma firmeza de postura muito forte, porque a pressão é grande. Fora das câmeras, fora do estádio, é um cenário mais bruto.

J. F. – Nunca houve uma iniciativa de colocar em prática um código de honra que limitasse esses conflitos até um certo ponto?

A. C. – Por minha parte já, já tentei. Mas é difícil, porque nós não temos nenhuma organização mínima. Não tem organização mínima para tratar a nossa própria existência,

---

<sup>12</sup> Departamento de Homicídio e de Proteção à Pessoa

imagina um código de honra. É algo muito avançado. Acreditamos que as torcidas, elas podem chegar um dia nesse nível, mas primeiro ela precisa coexistir como entidade, como organização, como movimento social, como... Passar por um processo, até digo muito que, até agora, nós vivemos a década de 80. As torcidas no Brasil estão paradas. Enquanto elas não conseguirem, que nem em São Paulo, colocar um mastro com uma bandeira dentro do estádio, e para isso elas tem que estar organizadas politicamente, ter um fórum, um movimento permanente, que pegue um deputado, que negocie com o governador, que faça tratados, que cumpra os tratados e os acordos. Estamos atrasados, essa é a realidade.

R. P. – Essa experiência que você teve de ir para a Alemanha acompanhar os jogos lá, o convite do governo alemão, em parceria com o ministério.

A. C. – Sim.

R. P. – Conta um pouco sobre essa experiência, assim. Foi um choque para você ver a realidade das torcidas lá na Alemanha e aqui? Conta...

A. C. – Eu que estive no início de 2014, antes da Copa, e vi o resultado da Copa do Mundo, se eu falasse isso para vocês, muitos não iam acreditar. Quando eu vi a Alemanha, tive a oportunidade de conviver praticamente quase 15 dias com os alemães, várias torcidas, estádios, estrutura, governo. E, meu, eles vivem algo, eles viviam algo parecido com o que nós vivemos hoje, e eles souberam achar saídas e os métodos importantes para reconstruir o futebol deles. Eles tinham um cenário parecido com violência de torcida, na constituição da Copa deles, estádios atrasados, com problemas de modernização para atender as demandas da FIFA<sup>13</sup>, problema de público, um saldo muito parecido. E assim foi revolucionário. Chegar na Alemanha, ver jogo da segunda divisão, segunda-feira à noite, com 35 mil pessoas, setor do visitante lotado, a torcida organizada do visitante lotada. Tu vê o hooliganismo em baixo, o “ultranismo” se superando, os caras indo para a arquibancada fazer festa. Tu vê o poder público investindo na política pública, contra a violência. Os caras debatendo o racimo entre as torcidas, debatendo violência, debatendo política pública. A postura dos atletas, mais

---

<sup>13</sup> Federação Internacional de Futebol

próximos do torcedor. Os estádios com bom atendimento, transporte, toda a infraestrutura voltada para o torcedor, então aquilo ali foi um choque de cultura. Voltei esperançoso, porque consegui ver o caminho interno. Eles tem uma federação nacional de torcidas. Existe uma mesa permanente que todos os setores: televisão, torcida, federação desportiva, todos os personagens do futebol sentam para negociar a Bundesliga<sup>14</sup>. Então a Bundesliga é pensada igualmente, não existem cartéis. Direito de imagem é igual para todo mundo, então, assim, eles pensam o futebol como uma indústria e levam a sério aquilo. E olhar praquilo que acontece hoje na Alemanha, e ver que tem torcida organizada, entender que eles tem seus problemas, suas contradições sociais, como a violência, mas eles entendem e enfrentam isso no dia- a- dia, encaram o debate. Não existe impunidade da lei, porque você vê, o cara mata aqui, o cara não vai preso. Essa é a realidade. Por isso que chegou no ponto que chegou. Se passou pano sobre os interesses econômicos, se passou pano muito em questões de violência nos estádios, das torcidas, por interesses comerciais, e chegou no ponto que chegou. Não existe impunidade lá. Tem cadeia lá, e tem uns estádios, que nem o do Borussia, e do Bayern, cara, tem lá o próprio juiz que já decide ali a pena do cara. Às vezes três anos banido do estádio, e já era filho. Dançou, acabou, dançou. Os caras entendem isso, e o reflexo é que a arquibancada encheu. Os caras não querem mais marcar briga. Porque eles sabem que a consequência é grave. E desse choque de cultura, a gente está precisando, depois do sete a um. O sete a um é a prova da falência estrutural do futebol brasileiro, porque não consegue colocar as cartas na mesa e discutir de fato com os protagonistas dessa estrutura. Nós precisamos do poder público, mas a gente precisa que a CBF, e Federação Paulista, elas entendam que elas são os principais responsáveis. Não dá mais para ver também cartolagem ganhando mais que clube. Os clubes falindo no país. Então, é necessário ter agora representante do poder público, congresso, senado, começar a discutir isso. Avançou bastante o diálogo com o Ministério do Esporte, avançou bastante os diálogos com setores da sociedade, e agora o Ministério da Justiça também vem chegando, mas enquanto CBF, Federação Paulista, televisão... Eles tem que saber do papel, da responsabilidade, e quebrar esses cartéis que tem no futebol brasileiro, sete a um vai ser pouco. Nossos próximos adversários se preparem que o chocolate é maior.

---

<sup>14</sup> O Campeonato Alemão de Futebol, também conhecido por Bundesliga

B. G. – E em relação ao “Bom Senso”?

A. C. – É um movimento, é mais um movimento, como foi a Conatorg, tem suas contradições também. Algumas torcidas, teve algum encontro do “bom senso” recentemente. Eu acho que também precisa flexibilizar o calendário do futebol brasileiro, tem que ser campeonatos que nem o Brasileiro, menos rodadas, ou mais rodadas com mais “espaçagem”, porque você valoriza mais o atleta, desempenho, salário, redução de ingresso. O próprio custo-benefício para o cara que vai, né? Às vezes em uma semana, a gente acaba com oito jogos no mês. Tu pega a média aí de cada partida nas arenas novas, de 80 a 120 reais, o trabalhador não tem acesso mais ao estádio. Fora que o cara tem que se locomover. Um cara que acompanha o time, que nem a torcida organizada, ele tem um custo ao triplo, de se alimentar e se locomover, e mais o ingresso. Então, a realidade hoje do calendário brasileiro massacra o atleta, afasta público e a consequência disso é estádio vazio, rendas baixas, atletas... Grandes clubes com péssimos resultados na tabela, porque os atletas estão saturados, querem escoar mesmo para o mercado internacional. Hoje um cara quer jogar no Santos, ele já vai com o intuito de ser uma vitrine. Ele já está jogando aqui falando: -“Não, alguém da Europa me compra no final da temporada”. É isso que está na cabeça hoje daquele menino que vem da base. Que ele quer logo colocar o pé num Manchester City, quer estar jogando em um time italiano, ou espanhol. Que é lá que está o mercado, a visibilidade. Existe pouco profissionalismo na estrutura de entretenimento, porque não é só esporte, é entretenimento. Não tem esse entendimento claro no futebol brasileiro. É paixão? É paixão, mas temos que entender que estamos precisando dar um choque de cultura. Que o poder, o setor privado está se afastando, porque não está vendo mais benefício, que o principal, que é o cliente, está insatisfeito. Então, que cara quer a marca vinculada com a insatisfação? Precisa realmente de uma ruptura aí de valores na estrutura do futebol brasileiro, urgente.

B. G. – E em relação a sócio-torcedor com a torcida organizada, assim? Porque se paga menos, né, mas...

A. C. – É, então, é uma questão cultural também. Importante, eu vejo clubes que nem o Grêmio e o Inter, que tem um movimento muito forte de sócios-torcedores, que tem um perfil de arquibancada. O Santos não adotou. Tem um problema ideológico, realmente, das



organizadas verem como uma ameaça. Por conta até de ver que as torcidas organizadas desses clubes que eu citei, elas tiveram uma redução significativa. Até pelo custo- benefício que está novamente a economia atrelada ao resultado. Mas aí eu acho que tem que se adaptar. Se faz parte para a melhora do futebol, o crescimento, os sócios tem que se organizar sim, tem que cantar, tem que mudar junto, e as organizadas tem que melhorar. Tem que melhorar sua imagem pública, tem que melhorar seu relacionamento, tem que poder entender essa transformação, para poder sobreviver. Porque senão vão ser engolidas pelo poder, pela justiça, pela incredibilidade, ou pela mídia, pela questão midiática, ou vai ter que se juntar com os caras. Então é um momento de mudanças. Que novamente a gente volta justamente na questão organizacional. Se as organizadas não tiverem um foco, de saber conquistar o seu espaço, e cativar o torcedor, o resultado é o fim. E porque, realmente, o sócio-torcedor é uma alternativa viva hoje nos clubes brasileiros. Até pelo custo-benefício.

R. P. – É isso. Obrigado, Alexandre, obrigado pela entrevista.

A. C. – Tamos juntos, agradeço.

[FIM DO DEPOIMENTO]